

## EXU ELEPÔ - ELEMENTO DE IDENTIDADE NEGRO-AFRICANA OU LUSO-AFRO-BRASILEIRA

Fábio Lima

Prof<sup>o</sup> da Universidade do Estado da Bahia

“Minha mãe de leite sempre  
me ensinou meu tempero é  
outro eu sou do azeite...”

(Moraes Moreira 1980).

Os genitores míticos dos africanos e seus descendentes são as forças eminentemente presentes na construção de identidade étnica através de seus símbolos cognitivos. Esses estão distribuídos entre os elementos da natureza, fazendo desses ancestrais míticos divinizados, que habitaram o mundo na sua gênese, símbolos de harmonização da coletividade.

Essas deidades marcam a sua eficácia de poder e autoridade no inconsciente coletivo, desde o continente africano, e, vindo para o Brasil, estabelecem normas e valores na história das senzalas, tendo esses deuses da fertilidade, fecundidade e crescimento ordenado os múltiplos aspectos da realidade dos seus seguidores.

*“De acordo com a concepção nagô, a pessoa humana consiste numa concepção de elementos, o primeiro dos quais é o corpo, que os mitos nos descrevem como tendo sido moldado por Deus no barro primordial. O segundo é o princípio da vida, o êmí, sopro, respiração que anima a matéria e cria a diferença entre um corpo vivo e um corpo morto; êmí tem sido traduzido por espírito ou alma. O terceiro chamado ori, ou cabeça, é o responsável pela consciência, pelos sentidos, pela inteligência. O ori é constituído por uma parcela de uma substância ancestral que varia segundo os indivíduos. Estas substâncias são simbo-*

*lizadas por elementos da natureza: a água, a terra, o ar e o fogo "(1).*

Essa manifestação de Deus-Natureza é vista em todas as sociedades, desde o aparecimento do homem até hoje nas sociedades modernas, para dar explicação à criação do homem e do mundo, e revivida nas celebrações rituais.

Essas representações da natureza no elemento lúdico do grupo afro-brasileiro são personificadas por grupo de orixás.

*"O nosso interesse é especificamente Exu, o responsável pelo equilíbrio fisiológico, pela conservação e reprodução da vida. Liga-se à boca, ao estômago, ao sexo, à comunicação e à fala". (2).*

Como Exu é o elemento que veicula o axé, é o responsável pela distribuição das folhas junto com Ossain, tendo as suas próprias folhas utilizadas nos ritos devotivos a ele. Em especial, Exu se processa na palmeira dendezeiro (*Elaeis Guineensis* L; palma *Spnosa Misller* da família das palmaceas) e por esse motivo é-lhe atribuído o título honorífico de Exu-Elepô, dono-do-azeite, termo que designa o título desse texto, razão pela qual seu assentamento, ferramentas, estátuas de argila são embebidos no óleo, além de ser o tempero fundamental de suas comidas litúrgicas: vatapá, xinxin, abará, acarajé e outras iguarias.

Encaramos uma integração entre dendê e Exu, sendo ambos elementos de identidade étnica, importados da África, trazidos da "*Costa africana espalhou-se pela costa da América, da Bahia para o norte*"(3), resgatando uma história e um "status" expressos nas comunidades afro-religiosas.

*No Brasil, Exu "encarna um amplo sentido telúrico africano que é igual, padrão geral e por isto indivisível. Relação não menos indivisível é a do homem africano e o dendê; e por Exu ser não apenas um componente deste homem africano, mas aquele que conseguiu reunir uma história defensiva deste homem africano e assim um ideal do ser africano no Brasil, é sem dúvida um agente do dendê. Exu passa a ser dendê e dendê passa a ser Exu". (4).*

Nessa relação, interpreta-se que o dendê e Exu são a reafirmação dos valores ético-sociais do homem africano, que veio para o Brasil como escravo e buscou a sua identidade tendo como principal elo de afirmação os terreiros de candomblé, onde o dendê é quente, tem cor forte, como Exu, que assume características ideológicas de guerreiro e libertário.

Roger Bastide em "O candomblé da Bahia", mostra esse status de Exu dado pelos negros-escravos quando utilizavam dos seus fetiches contra o regime opressor. Escreve o autor:

*" Exu também se ocupa das ervas, é para considerar que delas faz usos para efeitos de maldade. Tende-se então a unir esta divindade com a magia negra. A luta dos escravos contra os senhores brancos sem dúvidas orientou Exu algumas vezes nesta direção, mas trata-se apenas de circunstâncias históricas, que não tocam no fundo do problema. A luta racial só pode influenciar as linhas já traçadas pela tradição ancestral, ela não abre propriamente novas vias. Se os negros serviram de Ogum para resistir ao regime servil, foi porque Ogum, na mitologia que tinham transportado da África, era o Deus da guerra e das armas brancas. E se também foram pedir a Exu ervas que "amansam os senhores", não podia ser senão porque ela era também um Deus da vegetação selvagem"(05).*

É visto que as ervas têm uma funcionalidade nos caminhos dirigidos por Exu. Ossain é o orixá patrono das ervas e dos seus preparos benéficos e perigosos. Está sempre próximo a Orumilá-Ifá, orixá do oráculo que determina o destino, e a Exu, criando uma trilogia do poder, nos cultos afro-brasileiros. As ervas que são atribuídas a Exu no seu culto são tratadas com muito respeito pelo Babalosain, chamadas de "folhas quentes e perigosas". As mais conhecidas além do dendezeiro são ortiga, cançansão, corredeira, pimenta malagueta e da costa (atari).

Importante aspecto a ser ressaltado é que o dendê é o sangue africano ou "esperma alaranjado" (que fortalece a nossa conceitualização de agente de crescimento e fertilidade na procriação coletiva do grupo), o sangue vermelho que constitui o axé.

Segundo os textos míticos da tradição oral,

*"Exu pode carregar o óleo (dendê) numa peneira sem que se derrame o líquido. É também dono dos dendezeiros cuja abundância dos cachos e centenas de cocos que vicejam em cada coqueiro adulto são resultados da ação febril e benfazeja de Exu, também um orixá filântrico" (06).*

É comum ver na cidade de Salvador, baianas de acarajés que ao começarem a vendagem embebedam sete acarajés pequenos no azeite-de-dendê (azeite de cheiro, epô) para que Exu receba a oferenda contendo seu número ritualístico, e abençoe a vendagem, em razão de ele ser honrado em qualquer liturgia do candomblé em primeiro lugar. Antigamente, as lyawô (neófitas) ao saírem de reclusão e pertencentes a Oyá-Iansã e Xangó, iam vender acarajé para custear os gastos da obrigação. Atualmente muitas baianas o fazem, sem seguir o rigor e a norma da tradição, sem compromisso religioso, o que para muitas é apenas uma maneira de obter uma renda para suprimento de suas necessidades vitais.

Abordamos, sobre a temática algumas baianas de acarajés na Av. 7 de setembro e elas nos falam sobre o assunto:

*"Desde criança eu já ouvia falar; primeiro tira os sete acarajés, que é para despachar Exu", (Baiana Ilda; do Terreiro do Cobre)*

*"Minha nação é do azeite-doce e mel, não gosto do azeite de dendê, mas sou obrigada a gostar, pois vendo acarajé por causa de Iansã que é um orixá do azeite-de-dendê. Despacho para Exu abrir os caminhos, abrir a vendagem. Uma vez me esqueci de despachar e a vendagem saiu amarrada e foi por causa de Exu" (Baiana - Josefa Bispo de Menezes).*

*"Isso tudo é superstição de jogar acarajés para Exu na rua, muitas baianas fazem esse ritual mas eu não.*

*Não gosto de aparecer. Quando eu quero despachar, faço de outro jeito, despacho com água e amaci-água de cheiro, feita com folhas dos Deuses.*

*Exu eu trato bem, boto uma farofinha numa encruzilhada onde moro, uma garrafa de azeite-de-dendê, mel, água e um*

*eko ("acará branco, bolo de milho ralado cozido com água numa folha de bananeira.) (Baiana Ilda, filha-de-santo do Bate-Folha e faz o ritual há 25 anos antes de vender).*

*"Não despacho na rua nem na hora da vendagem, pois já despacho antes de vir trabalhar, despacho sete encruzilhadas, dou xinxin de galinha com bem azeite-de-dendê e pimenta, farofinha, agora não é todo dia é toda a 1ª segunda-feira do mês. Então ele abre a minha vendagem". (Baiana, Benildes Pereira da Silva do Terreiro de São Jorge).*

*"Jogo sete acarajés antes da vendagem, porque aprendi assim, antes dos santos, quem primeiro come é Exu, e o tabuleiro é de Xangó, para que eu tenha uma boa vendagem é preciso dar a Exu, pois é assim o seu trato". (Baiana, Edileuza).*

Roger Bastide nos relata em o "Candomblé da Bahia", a presença do azeite-de-dendê numa receita descrita na carta de Geraldo Pinheiro na data de primeiro de novembro de 1949, no qual se referia:

*"Quando a mãe-de-santo Ifegênia aplicou a sua terapêutica primitiva a um negro no Maranhão, meu conhecido, não esqueceu de lhe dar uma garrafa d'azeite-de-dendê. (...) Recomendou-lhe que levasse a uma encruzilhada para Exu" (7).*

Nos candomblés o dendê é o tempero fundamental nas comidas dos deuses afro-brasileiros (exceto nos alimentos de Oxalá e os orixás funfuns (8) que não adotam a presença de azeite-de-dendê), o que vem a classificar os candomblés de nação queto (jej-nagô), jeje e Angola de linha do azeite, e por Exu ser respeitado, nada se faz sem dendê e sem Exu existe uma discriminação em conceituar praticantes do mal.

Essa discriminação é feita, como pode se verificar na entrevista de Josefa Bispo de Menezes. Grande parte desse preconceito provém dos umbandistas que afirmam não praticarem maldades, por serem da linha do azeite-doce e mel, ou seja, segundo eles, linha branca. Esse desdém é natural, por causa do aparelho ideológico dominante, ao qual os candomblés resistiram com grande intensidade, até mesmo com suposto sincretismo religioso, para permanecerem fiéis à prática dos seus antepassados, onde azeite-de-dendê e Exu estão presentes na defesa e integração do "Novo Mundo".

Liana Trindade nos diz que:

*"Exu passa a ser utilizado como força protetora de combate ante as relações sociais conflitantes. (...) Traduz os conflitos humanos e abusa do equilíbrio nas posições." (09).*

Observamos terreiros de candomblé que visitamos em que os consulentes do oráculo tinham em mãos uma lista de oferendas a serem atribuídas a Exu; sempre que necessário, um ebó", para proporcionar a harmonia na qual podemos identificar a ligação consanguínea do azeite-de-dendê e Exu, como pode ser visto abaixo:

- 1º - Uma porcelana pequena branca  
Um litro de azeite-de-dendê  
Ovos
  
- 2º - Farinha de mandioca  
Um litro de mel  
Um litro de azeite-de-dendê.
  
- 3º - Pimenta malagueta  
1 Kg de cebola  
250 g de camarão seco  
1 litro de azeite-de-dendê
  
- 4º - Farofa de mel  
Farofa de azeite  
Farofa de água  
11 acaçás brancos  
11 acarajés  
1 garrafa de pinga (cachaça destilada)  
1 litro de azeite-de-dendê.
  
- 5º - 1 aguidá  
1 litro de azeite-de-dendê  
7 acaçás vermelhos
  
- 6º - Farofas, carurus, vatapás e outras iguarias azeitadas

Observamos nessa série de oferendas para a deidade a presença do seu sangue (10), o que nos faz buscar uma determinada relação com ele, quando somos atraídos pelo irresistível cheiro de dendê. A partir daí se criou a ambivalência "dieta popular e dieta dos deuses".

Na Bahia, observamos nas casas de tradição não ortodoxas aos candomblés, (11) comidas azeitadas e apimentadas (pimenta e Exu têm uma relação íntima, por serem quentes e ardorosos, e por isso agradam a muitos com o seu gosto exótico) que fazem parte dos cardápios dos restaurantes; as suas funções gastronômicas são vistas em qualquer ponto da cidade, nas esquinas, encruzilhadas, becos, como os acarajés e abarás, harmonia da natureza (Dendê/Exu) e o homem.

"Bem Aventurado Dendê-Exu".

#### NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(01) LÉPINE. Claude, **Os estereótipos da personalidade do candomblé nagô**. In: Olóórisa - Escritos sobre a religião dos Orixás, Editora Ágora, 1981, pg 16.

(02) lbd (1981 : 16)

(03) PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. R.J. MEC, Conselho Federal de Cultura, 1980, cit. em Lody Raul - Tem dendê, tem axé. Revista da Bahia, nº 16, março/junho de 1990, Empresa Gráfica da Bahia, 1990, pg. 51-60.

(04) Lody Raul (lbd; 53)

(05) BASTIDE. Roger. **Candomblé da Bahia: rito nagô**. Ed. Nacional: INL 1978 pg. 183-4

(06) Lody Raul (lbd; 53)

(07) BASTIDE (lbd; 185-6)

(08) Orixás funfuns são os orixás da família de Oxalá, os orixás do branco; são-lhes proibidas e aos seus filhos outras cores e iguarias pretas e verme-lhas. No Brasil só se cultua Oxaguiã, o comedor de iame, o novo, Oxalufã, Oxalá velho, e Odwdwa, o Orixá que criou a terra.

(09) TRINDADE. Liana. - **Exu: Poder e Magia**. In: Olódórisa - Escrito sobre a religião dos Orixás, Editora Ágora, 1981, pg 1-7

(10) Segundo Juana Elbin dos Santos o sangue constitui o principal elemento na sacralização do mito. Ver melhor em SANTOS, Elbin. **Juana, Os nagôs e a morte: Padê; Àsèsè e o culto Egun na Bahia**, Petrópolis, Vozes, 1986.

(11) Observamos que muitos membros do candomblé comem azeite-de-dendê na sexta-feira, sabendo ser proibido. Talvez possamos dizer que seria intervenção de Exu. Essa pessoa quebrando tabu de Oxalá o qual deve ser respeitado por todos os praticantes do candomblé, terá que fazer obrigações ritualísticas aos orixás funfuns, em perdão por terem violado a interdição alimentícia. Obrigatoriamente será realizado um ebó, e logo Exu terá a sua parte, tal qual foi estabelecido no contrato com Orumilá segundo o qual ele seria o primeiro a receber parte das oferendas determinadas na prática divinatória.

\* Esse texto faz parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre as formas sócio-políticas de manifestação do negro através do candomblé, e que se centraliza na marginalização que foi imposta a Exu de ser o próprio Diabo da tradição judaico-cristã.